

# *A MARCA DA RAIZ*

Livro 49

*Escritos Fenícios*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***NIVELAMENTO***

Os humanos estão mal atendidos, sobre eles imprime-se um padrão de nivelamento contrário às suas necessidades.



## ***PARA GERAR***

Fortemente agravados em cuidar dos conflitos, os humanos não estão preparados para ver e viver a vida como ela é. Rodeados de ideologias alienígenas se isolam em individualismos insuficientes para gerar um duvidoso prazer de viver.

## ***VOLTA E MEIA***

Volta e meia experimento um novo modo de sentir saudades. Foi a única solução para não ficar estancado no passado, chamo a passear alguma versão. Esgotome nestas versões incompletas.



## ***AFETADOS***

Certos humanos murmuram, sem sentido cambaleiam diante de intermináveis faltas de inteligência oferecendo exibição ostentosa. Em seu carregamento reúnem superfaturados, desviam dinheiro público, achaques, empilham riquezas contrabandeadas. Um ponto culminante em suas vidas é o intercâmbio internacional de joias e adereços, em um círculo de vantagens mútuas e encontros de pouca importância para se manter longe da contaminação dos afetos cotidianos.

## ***QUE SE ABRAM***

Que se abram aos carinhos, vertam-se as almas, se sustentem as novidades, avancem para organizar lembranças. Que se abram os amores que adotem tudo o que valha a pena.



## ***DESEJOS ASSIMÉTRICOS***

Os desejos assimétricos são atenuantes, disfarçam o perigo ao mesmo tempo em que homenageiam a descortesia, fazendo-a natural. Então aceitam qualquer declaração que faça ruídos, de preferência que não sejam propostas honestas, receitas de ajudas. Os desejos assimétricos não cruzam as pontes entre o cuidado e a necessidade.

## ***NÃO FRONTEIRAS***

Os mares tem nas marés a alma sem amarras, na direção reativa sentidos singulares, se move permanentemente, desafia limites e soberanias.



## ***DOCE HISTÓRIA***

A memória da doce história dá vida às saudades, ficaram como súplicas repetidas, como cantigas de ressuscitar causando transtornos no esquecimento. Surpreendem com sua presença porque deixam os traços impregnados de sentidos, imprimindo o respeito, marcando a festa, incandescendo as curiosidades, povoando-as de imaginação, hidratando o trigo e amaciando a carne.

## ***DELES E NOSSO***

Os primeiros e os últimos familiares estão confundidos com o barro, com o ar tornado pó da montanha original, o fogo, com o barco no Atlântico e o berço do sol no mar Mediterrâneo, a água nos jardins tornada fonte, espelho e movimento. O que foi deles será nosso e dos que nos sucedam.



## ***POVO DO LEVANTE***

A paciência cunhada pelo povo do Levante nos fez saber que suas memórias precursoras consideravam que o amor-raiz, sem pressa, veio para ficar.

## *AS LÁGRIMAS PERDIDAS*

Nunca mais voltarão as lágrimas perdidas. Não há como avaliar o que seus olhos ganharam, mas os vi pendurados na alegria que lhe trouxe cada novo filho ou neto. A rota fenícia a ser cumprida resistiu às dores, as penas, aos vícios e aos cansaços. Embora não se perceba, nenhuma vida, nenhum amor é substituído facilmente, seja por suas características singulares, seja pelo acúmulo de história que cada forma de amar que cada um carrega. Os desejos guardam em seu interior imagens agrupadas misturando pessoas, datas, a terra deixada, as sensações transformando palavras em gestos e cantos em lugares de guardar nostalgias. Cada um levou consigo a certeza de que deixaram suas pegadas como relíquias, adornando memórias.

## ***PORQUE ERAM LIVRES***

Porque eram livres, criaram; porque eram reconhecidos, agradeceram; porque eram sábios, acumularam - como as pedras; porque eram pacientes, esperaram; porque eram prudentes, selecionaram. Em respeito às suas memórias, guardamos suas histórias.



## ***MEMÓRIA VIAJANTE***

Ainda converso com uma memória desordenada e desobediente, lembro-me que os frequentadores da minha infância aportavam no cais da minha casa, depositavam seus remos e suas nostalgias cansadas de doer carregavam vários desertos, vertiginosos vazios. Vejo a herança alimentada à flor da pele, circulando como degelo da montanha confirmando as origens libanesas. Comparecem com apetite, como podem, no corte do pão, no trigo, no espelho gasto pelo tempo a confirmar nossa filiação, no filho, no neto, nas fotografias, nas crenças, na memória viajante.

## *A MARCA DA RAIZ*

A marca da raiz, em uma solene honra às leis do amor, faz com que a amizade caia na graça recebida de braços abertos, no pleno e cordial afeto, semeando a essência da cortesia e da afabilidade. Essas práticas do bem-querer perpetuam a comemoração à vida. Elas são a toalha da mesa onde o libanês deposita sua arte com tantos significados.



## *PLURAL*

Dotados de um plural, a nacionalidade os descendentes estão distribuídos no mundo. Entraram na vida com o detalhe, a caixa de mercadorias, a sombra, a figura, o fundo, a força do amor perenizado pelos ancestrais, pelo comando da vontade de perdurar, por alcançar germinar a carne do quibe e o trigo do pão, pela absorção da calma que alimenta o corpo e deixa marcas nostálgicas na alma antes de partir.

***DIAS DE MEL – (ANNA CIEZADLO)***

“Toda sociedade tem um sistema imunológico, um exército silencioso que tenta trazer o corpo político de volta ao equilíbrio. As pessoas encontram maneiras de reconstruir suas rotinas em meio à confusão da guerra. Como minha amiga Llena, que uma vez deu um jantar em seu abrigo antiaéreo em Beirute, as pessoas fazem dar certo com o que têm. Esta é a história daquela outra guerra, a que acontece entre os bombardeios: o padeiro mantém seu forno comunitário funcionando para que a vizinha tenha pão; o proprietário transforma seu café em um centro de refugiados; o agricultor alimenta os vizinhos com seu estoque de comida em conserva; os pais dirigem por toda a Bagdá tentando encontrar uma confeitaria aberta para que a filha possa ter um bolo de aniversário. São todos tão guerreiros quanto aqueles que carregam armas. Existem muitas maneiras de salvar uma civilização. Uma das mais simples é com comida.”

## ***OBJETOS DA FAMÍLIA***

Dilato a existência cercando-me de objetos da família, eles estão carregados de afetos, deslizam nos ponteiros do relógio do meu avô, na mesa que foi do escritório da loja dos meus pais, nos fundos falavam como documentos que narram pedaços de um mostruário que poderia estar no papel ou na peça de tecido aberta sobre o balcão, ainda habitando meus sonhos investigando o fundo das minhas lembranças e do livro do contador. Um carregador de pólvora preparado semanalmente para a caça de perdizes, cruzava com uma placa de preparação microscópica e um rádio capelinha na sala. Sementes de tomilho habitaram o mesmo canteiro da hortelã esperando o trigo moído vindo de jardins de todo o mundo numa viagem exótica plantado ali para crescer em longínquas terras.

## ***NOVAS ALEGRIAS***

Longe de requisitar uma disciplina sentimental, faziam o que podiam, rivalizavam entre o vazio e a adaptação. A vida na nova pátria reservando-lhes surpresas ao verem-se enriquecidos com novas alegrias, viveram de montagens provisórias até que a vida dignificou suas presenças. Buscaram se afastar do consolo primitivo sem adaptar-se. Seria uma ofensa, povoados das injustiças de litígios na terra do Levante. A luta, para ser bem sucedida incentivava como explorador, fazendo da linguagem um malabarismo a transpor, usando algo menos complicado como o ato. Desistindo das concessões aprenderam o idioma local, sorriram quando recebidos e agradeceram quando acolhidos. Fincaram raízes, escavaram na terra fértil seus vestígios culturais e genéticos. Enterraram um mapa, uma dor sem retorno, um cedro do lado esquerdo do peito e, uma família dando ânimos à utopia.

## *ALI ESTAVAM*

Cada vez que me detive a olhar-me, ali estavam todos os seres, imagens, sensações do meu passado chamando-se uns aos outros, um acúmulo de diálogos adicionando locuções, paisagens, livros, partilhas, ordenando a puros e pecadores, falsos e verídicos.



## *MEUS AVÓS MATERNOS*

Uma foto em branco e preto reúne a presença de uma constância circulando nas várias vidas de 16 filhos dos meus avôs maternos Modafar e Nacle Al-Alam. Humanos posando juntos sem a dimensão temporal, objeto digno de uma história que apenas começava ali. Os descendentes que sucederam àquela fotografia deixaram uma paisagem em si mesmos, falavam que naquele lugar habitaram vestígios materiais reproduzindo a terra deixada na terra escolhida. Algo estremecia a moldura que lhes guardava como parte dos meus acompanhantes diários. Era a ponte entre os espaços e os tempos habitados por eles e por mim.

Aquela casa habitada com frequência muito antes que eu pudesse saber que aquelas presenças me habitariam 70 anos depois com um vigor jovem parecendo dizer-me boa noite, volte sempre. Tudo permanece recém habitado, o conjunto de palhinha, a mesa oitavada e um modesto cristal que assistiu noivados, namoros e visitas esperadas e inesperadas.

Através das persianas tentava ver o quarto de um ou de outro, tantos quartos quanto o espaço para abrigar 16 filhos e um casal que testemunhava a obra.

Os dados materiais me confirmavam tratar-se de uma realidade em primeira mão, passando por revisões, luzindo a intimidade entre meus afetos e os objetos.



## ***SECULARES***

Todos os tempos se transmutam em ligeiras vivências como chuva sobre recordações seculares. Aventuro-me minar lentamente o esquecido até que, pouco a pouco, todas as saudades se espalhem como pedaços meus pelo curso do que me resta viver.

## ***CHAME A VERDADE***

Chame a verdade, avise que as portas estarão abertas, as consciências acalmadas, os valores aclamados, a indignação alimentada, a acolhida esmerada.

Chame a verdade, haverá energia para sobreviver, capacidade para esquecer as ofensas, as mentiras, as humilhações.



## ***COMO VIVER***

Muito antes de ser uma comunicação, a delicadeza é forma de perguntar e responder com quem e de que forma desejamos viver. Sendo a delicadeza, representante da elegância, da justiça e da verdade, constrói realidades passíveis de modelar a vida de gerações subsequentes, reafirmando, renovando e construindo o existir.

## ***CENSURAS***

Tentaram sequestrar minha vida dizendo que ela seria aquilo ou mais nada. Apoderando-se das minhas escolhas, me subtraíram os direitos e as explicações, zombando das minhas teimosas buscas cada vez que me encontraram tentando furar os bloqueios, os muros excludentes, as censuras memorizadas.



## ***VEJO***

Vejo pelos corredores, calçadas, terraços, homens, mulheres, velhos, crianças, numa crônica súplica em busca de remédios para suas escondidas falências, por falta de abraços, de afagos, vivendo a vida pelo avesso, decretando perigos a cada nova lua. E cada vez que tentam, voltam mais vencidos.

## ***QUANDO A NOITE CAI***

Quando a noite cai, as ruas vão se esvaziando, os acontecimentos passam a seguir o desfile por trás das portas e dentro das casas os encontros e desencontros abrem e fecham os olhos dos que ali constroem seus paraísos e seus infernos.



## ***EM DESUSO***

A minha alma avisa o sentido do viver. Exigente como só ela, não aceita cair em desuso e se quer conservada na memória das próximas gerações. Para perdurar viva no futuro, levando a passear, abrindo livros, beijando bocas, cuidando pássaros, tendo orgasmos, podendo árvores, plantando flores, inventando fantasias, espantando feras e os maus pensamentos, dando notícias, omitindo fofocas, namorando, erguendo o demolido e assistindo a devolução e os direitos por territórios torpemente usurpados.

## *NÁUFRAGO*

Essas vivências de naufrago exigem proteção para não ficar infeliz. Sei de mim ser frágil e mal feito, eternamente incompleto. Por isso não me arrependo das vezes que grito por socorro, buscando apenas substituir a impotência por uma companhia fugidia como a paz.



## *SECULARES*

Todos os tempos se transmutam em ligeiras vivências como chuva sobre recordações seculares. Aventuro-me minar lentamente o esquecido até que, pouco a pouco, todas as saudades se espalhem como pedaços meus pelo curso do que me resta viver.

## ***AS DESPEDIIDAS***

Feitas as despedidas, chegou o momento da partida, içaram os cabos, soltaram as amarras, obedecendo a brisa partiram com a velocidade dos ventos cansados e das velas rasgadas.



## ***O SILÊNCIO DAS CARAVANAS***

O silêncio das caravanas que carregam culturas milenares são algo mais que ausência, remetem à uma ancestralidade que as palavras não alcançam traduzir.

## ***HÁ CORPOS***

Há corpos com a casca vazia que guardam o efeito perdido, ali fortes práticas desacompanhados de sentires parecem antigos sacramentos. Há corpos que não aceitam ritos em favor de prerrogativas que se igualem as promessas. Há corpos que preferem aguardar o espanto, a escuridão, a solidão, nenhuma inovação.



## ***ESPASMO***

Chegando ao acampamento de refugiados foi difícil o espasmo, muito difícil escutar o grito, difícil ficar; mas o mais difícil foi aceitar que ali o destino imposto diluía a esperança de sobrevivência. Celebrando a morte alheia misturam-se a indiferença e a omissão enfeitando o predomínio da negação.

## ***UMA DOR***

Uma dor antropológica se soma a uma história às vezes úmida, às vezes seca misturada a altibaixos que remetem a cultos sobre o tempo nelas guardado.

Roberto Curi Hallal

